

## **ANÁLISE ESPACIAL DA VITIMIZAÇÃO POR HOMICÍDIO ENTRE DIFERENTES SUBPOPULAÇÕES DE MINAS GERAIS (2000 A 2007)**

*Felipe de Ávila Chaves Borges<sup>1</sup>, Alexandre Magno Alves Diniz<sup>2</sup>*

### **RESUMO**

A violência é um dos temas mais debatidos na atualidade e, há algumas décadas, transformou-se em um dos problemas que mais preocupam os habitantes das grandes cidades brasileiras. Diversas transformações de ordem social, cultural, demográfica, econômica e de saúde pública, alavancadas pela evolução da violência chamam a atenção de estudiosos de diversos ramos do conhecimento. A Geografia, no entanto, começou a explorar a dimensão espacial da criminalidade recentemente, através da Geografia do Crime, trazendo importantes contribuições. Desta forma, o presente estudo visa apresentar a evolução espacial da incidência de óbitos por homicídios nos municípios mineiros entre os anos de 2000 e 2007, analisando o contexto espacial e a intensidade com a qual o fenômeno assola os diferentes sexos, os jovens e a população total de cada município. Para atingir tal propósito trabalhou-se com dados do Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM) do Departamento de Informática do SUS (Datasis/MS). O número de óbitos por homicídio foi submetido à construção de taxas por 100 mil habitantes e, posteriormente, mapeadas e analisadas com o auxílio dos Sistemas de Informações Geográficas e de técnicas de estatística espacial. Os produtos apresentados franquearam uma melhor compreensão da dinâmica espacial dos homicídios em diferentes sub-populações, revelando uma maior atuação do fenômeno em municípios das mesorregiões Vale do Mucuri e Metropolitana de Belo Horizonte. Além disso, constatou-se uma maior vulnerabilidade à vitimização por homicídio entre jovens e pessoas do sexo masculino.

**Palavras-Chave:** Minas Gerais, Homicídios, Geografia do Crime.

## **SPATIAL ANALYSIS OF HOMICIDE VICTIMIZATION IN DIFFERENT SUBPOPULATIONS IN MINAS GERAIS (2000 TO 2007)**

### **ABSTRACT**

Violence is one of the most debated themes today and, for several decades, became one of the problems that most concern the inhabitants of large cities. Several transformations of social, cultural, demographic, economic and public health order, leveraged by the evolution of violence call the attention of academics from various branches of knowledge. Geography, however, began to explore the spatial dimension of crime recently, through the Crime Geography, which has important contributions. Thus, this study aims to present the spatial evolution of the incidence of homicide deaths in the municipalities of Minas Gerais State, Brazil, between the years 2000 and 2007, analyzing the spatial context and intensity with which the phenomenon plaguing the different sexes, the youth and the total population of each municipality. To achieve this purpose we worked with data available by the Mortality Information System (SIM), under the co-management of the Secretariat of Health Surveillance (SVS / MS) and the Information Technology of SUS (DATASUS). The number of deaths due to homicide was submitted to the construction of rates per 100 thousand inhabitants and then mapped and analyzed with the aid of geographic information systems and spatial statistical techniques. Results allow a better understanding of the spatial dynamics of homicides across different sub-populations, revealing a more prominent presence in

the Mesoregions Vale do Mucuri and Metropolitana de Belo Horizonte. Furthermore, there is a greater vulnerability to victimization by homicides among the youth and males.

**Keyword:** Minas Gerais; Homicides, Crime Geography

## 1. INTRODUÇÃO

Há algumas décadas, a violência urbana tem se constituído em uma das maiores preocupações das grandes cidades (ADORNO, 1994). Entretanto, o processo de desconcentração dos homicídios verificado nos últimos dez anos (WAISSFELZ, 2010; DINIZ; BORGES, 2011), sugere uma expansão nesse sentimento que, provavelmente, já acomete boa parte dos municípios de menor gradiente populacional.

Embora diversas áreas do conhecimento versem a respeito da criminalidade violenta, apenas recentemente a Geografia passou a explorar esta temática através da Geografia do Crime. Neste contexto, a Geografia foca a dimensão espacial do crime, ou seja, identifica áreas de maior ou menor propensão à ocorrência de crimes e as ressignificações e transformações espaciais ocorridas com a incidência desse fenômeno.

Assim, o presente estudo objetiva fazer uma análise espacial dos homicídios ocorridos nos municípios do estado de Minas Gerais, agrupados nas respectivas mesorregiões, entre os anos de 2000 e 2007. Além da população total do estado, foram considerados os diferentes sexos (masculino e feminino) e a

população jovem (15 a 24 anos). Destarte buscar-se-á a identificação de possíveis padrões espaciais do fenômeno e discrepâncias na incidência do mesmo em diferentes subpopulações.

Esse exercício é de extrema relevância pelo aspecto quantitativo e a complexidade dos diversos aspectos sociais, econômicos, demográficos, e de saúde pública aos quais o fenômeno estudado condiciona e é também condicionado torna o trabalho de grande relevância social e intelectual.

O estudo ainda reveste-se de grande valia pelo subsídio à implantação de políticas públicas de segurança e combate à criminalidade, identificando áreas de maior propensão à ocorrência homicídios.

Uma vez que os fatores que facilitam e/ou condicionam a ocorrência de homicídios não ocorrem de forma homogênea no espaço, espera-se encontrar discrepâncias nas taxas de homicídios em diferentes contextos espaciais.

## 2. HOMICÍDIOS: TEORIAS E RESULTADOS EMPÍRICOS

As diversas teorias que tentam explicar a ocorrência da criminalidade violenta e suas variações ao longo do tempo e do espaço através do comportamento do ofensor têm

ênfatisado, em especial, dois mecanismos distintos: motivações e controle social (GARTNER, 1990).

As teorias pautadas nas motivações partem de processos que ocorrem para o declínio nas taxas de homicídios, como as teorias de tensão (MERTON, 1938) e culturais (WOLFGANG, FERRACUTI; 1967).

Já as teorias de controle social focam em processos formais ou informais que enfraquecem as condições sociais de determinada comunidade. No expoente máximo dessas teorias tem-se a Teoria da Desorganização Social de Shaw e McKay (1942). Tal teoria prega que em comunidades com redes sociais intensas o governo não é capaz de supervisionar e socializar adequadamente seus membros, facilitando, assim, a manifestação criminal.

Dentre os trabalhos empíricos que versam a respeito da Teoria de Desorganização Social destacam-se os elaborados por Sampson (1986) e Sampson e Grooves (1989), que encontraram correlação positiva entre as variáveis independentes status econômico, urbanização, estabilidade residencial, heterogeneidade étnica, desagregação familiar, redes de amizade local, grupos de adolescentes sem supervisão e participação organizacional e as taxas de criminalidade nos Estados Unidos e Reino Unido.

Entretanto, Nóbrega (2010), aponta que, na Grande Região Nordeste do Brasil, esses modelos não condizem com a realidade, haja

vista as melhorias nas condições socioeconômicas daquela região e a trajetória ascendente das taxas de homicídio na mesma.

Embora muitos trabalhos busquem relações entre os condicionantes sócio-econômicos e a criminalidade, esta linha de raciocínio gera polêmicas e calorosos debates no meio acadêmico (PEREZ et al. 2008). Souza et al. (1997) e Szwarcwald et al. (1999) apontam para a inconsistência e, como exposto acima, discordância entre pesquisas que abordam tais relações.

Em estudo sobre os homicídios nas cidades estadunidenses, Williams e Flewelling (1988) levaram em consideração duas características do fenômeno: relação entre vítima e infractor relacionamento e tipo de conflito. Tal estudo demonstrou que as condições sociais dos agentes envolvidos irão influenciar na motivação e forma de vitimização, dando aos atos criminais diferentes características. Assim, buscando identificar uma teoria geral para a ocorrência de homicídios, deve-se levar em consideração a heterogeneidade dos atos que irão constituir a totalidade desse fenômeno (WILLIAMS; FLEWELLING, 1988).

Acerca da distribuição dos homicídios no espaço e nas diferentes subpopulações, recentes estudos trazem importantes contribuições. É consensual que os homicídios ocorrem de maneira heterogênea no espaço (LIMA et al., 2002; CANO E RIBEIRO, 2007; GRAIF, SAMPSON, 2009; DINIZ et al., 2010;

KLEINSCHMITT et al., 2010). Da mesma forma, observa-se diferentes distribuições de homicídios analisando-se diferentes subpopulações (DINIZ et al. 2010, KLEINSCHMITT et al., 2010).

No que tange as faixas etárias, percebe-se que as maiores taxas de homicídio no Brasil abarcam jovens entre 15 e 29 anos (WASELFISZ, 2010). A falta de estrutura familiar, de políticas públicas específicas para os jovens, de emprego e, principalmente, o tráfico de drogas trabalham como agentes que elevam o risco de vitimização dos jovens por homicídios (SANTOS, 2007; MACEDO et al., 2001; BEATO et al., 2001).

As mortes de pessoas do sexo feminino ocasionadas por homicídio estão muitas vezes ligadas a crimes sexuais e passionais, violência doméstica, fragilidade da vítima e fatores culturais (DINIZ et al., 2010). Tais mortes ocorrem com menor frequência quando comparada a taxas de óbitos por homicídios em pessoas do sexo masculino (WASELFISZ, 2010).

Kruttschnitt (1996), citada por Soares (2000), afirma que as diferenças entre gêneros não dizem respeito somente às taxas globais de ofensas e de vitimização, mas também acerca da idade quando a primeira ofensa é cometida, a involução criminal, idade e circunstância da desistência da atividade criminal.

Hirschi (1969), utilizando das teorias de controle social, afirma que pessoas do sexo masculino são atingidas em menor grau pelos

mecanismos de controle social que pessoas do sexo feminino. Todavia, Soares (2000) aponta divergências entre resultados de estudos que relacionam influência da intensidade da relação com a família e crime.

A respeito dos homicídios entre homens, em mapeamento recente dos homicídios no Brasil, Waiselfisz (2010) afirma que, no ano de 2007, 92,1% das mortes ocorridas por homicídio no país atingiram este segmento da população.

Nesse contexto de complexas relações entre homicídio, espaço e subpopulações, faz-se necessário à exploração da distribuição espacial dos homicídios nos municípios de Minas Gerais, Brasil, adotando uma metodologia que leve em consideração a estrutura etária dos municípios envolvidos e as flutuações aleatórias ao longo do tempo.

### 3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os aspectos de interesse para o presente estudo estão contidos na Classificação Internacional de Doenças - CID-10, em seu Capítulo XX, onde são definidas as “causas externas de morbidade e mortalidade”. Dentre as causas de óbito estabelecidas pela CID-10, foram utilizados os agrupamentos de X85 a Y09, que recebem o título genérico de “Agressões”. Esse capítulo caracteriza-se pela presença de agressões ocasionadas por terceiros, que se

utiliza de quaisquer meios para provocar danos, lesões ou a morte da vítima.

Os dados utilizados são oriundos do Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM), sob co-gestão da Secretaria de Vigilância em Saúde (SVS/MS) e do Departamento de Informática do SUS (DATASUS/MS), do Ministério da Saúde; tendo sido considerados os dados referentes aos óbitos por faixa etária (intervalo de cinco anos) e totais para cada município mineiro, tanto para população global, como população masculina e feminina.

Para a produção de taxas brutas anuais foram utilizados os dados de população do IBGE das faixas etárias das populações em estudo (estimativas populacionais), sendo estes disponibilizados através do Datasus/Ministério da Saúde. Cabe ressaltar que todos os dados coletados se referem aos anos compreendidos de 1999 a 2008.

Após a coleta e organização do banco de dados, passou-se para a etapa de tratamento dos mesmos. Foram elaboradas taxas específicas de homicídios por 100 mil habitantes para cada grupo etário além da taxa bruta da população total.

Todavia, sabe-se que o fenômeno estudado é altamente influenciado por faixas etárias que abarcam a população jovem. Assim, a taxa bruta obtida para a população total não é suficiente para se realizar uma comparação entre os municípios, uma vez que, entre eles, há um diferencial de níveis na distribuição etária. Para tanto, faz-se necessário uma padronização

da distribuição etária das populações trabalhadas, para obtermos, com maior fidedignidade, o risco ao qual se encontram as populações em questão.

O método de padronização consiste em “controlar ou isolar o efeito de determinadas características que estejam afetando a comparação, através de medidas-síntese, dos níveis de uma variável entre populações diferentes” (CARVALHO; SAWYER; RODRIGUES, 1998).

A padronização pode ocorrer de forma direta ou indireta. Para a realização da padronização direta é necessário dispor o total de eventos, distribuídos por grupos de idade, e também a distribuição etária das populações estudadas além de adotar uma distribuição etária padrão.

De posse de todos os dados enumerados anteriormente, a padronização direta se torna a forma mais eficaz de controlar ou isolar os efeitos das diferentes distribuições etárias.

A distribuição etária padrão utilizada se refere à população total brasileira. Como resultado da padronização, obteve-se taxas brutas padronizadas por grupo etário. A soma destas taxas propiciou o encontro de taxas brutas padronizadas para o total das populações estudadas.

Com as taxas brutas padronizadas em mãos, percebeu-se que, principalmente nos municípios dotados de baixa população, as mesmas apresentavam consideráveis oscilações aleatórias. Na tentativa de minimizar tais

oscilações, foram adotadas médias móveis tri anuais com intuito de melhor compreender as tendências temporais do fenômeno. Neste processo o coeficiente alisado do ano  $i$  ( $Y_{ai}$ ) correspondeu à média aritmética dos coeficientes no ano anterior ( $i-1$ ), do próprio ano ( $i$ ) e do ano seguinte ( $i+1$ ):

$$Y_{ai} = (Y_{i-1} + Y_i + Y_{i+1})/3.$$

A etapa seguinte constituiu-se na elaboração de mapas através do software ArcGis 9.3, a fim de se visualizar e analisar a distribuição espacial das taxas médias de homicídios em Minas Gerais. Elaborou-se mapas coropléticos retratando a distribuição das taxas médias móveis padronizadas das populações global, masculina, feminina e de jovens (15 a 24 anos) dos municípios mineiros nos anos analisados. Para cada subgrupo populacional trabalhado foram elaborados mapas organizados em dois mosaicos contendo quatro cartogramas cada. Insta ressaltar a inserção dos limites das mesorregiões mineiras nesses cartogramas, afim de melhor compreender a dinâmica do fenômeno em pauta em cada um delas.

Entretanto, para se comparar os mapas entre si, os intervalos empregados em cada um dos mapas elaborados devem ser os mesmos. Para tanto foi calculado, através do ArcGis as quebras naturais (Natural Breaks) de cada ano. Posteriormente foi feito uma média simples dos valores máximos encontrados nos intervalos de cada ano estudado. O valor encontrado através desta média foi utilizado como valor máximo de

cada classe utilizada, excetuando a última classe no qual o valor máximo utilizado foi o valor da maior taxa encontrada no estado ao longo dos anos estudados.

Para melhor visualizar a incidência homicida nas mesorregiões de Minas Gerais, foram geradas as taxas médias móveis das mesmas, através do mesmo tratamento utilizado na confecção das taxas médias móveis para os municípios mineiros. Tais taxas propiciaram a elaboração de um gráfico de linhas para cada população analisada através do software Microsoft Office Excel 1997.

#### 4. RESULTADOS

A partir da espacialização dos dados de óbitos por homicídios pode-se inferir alguns padrões comportamentais do fenômeno em voga. A figura 1 nos mostra que a incidência de homicídios no estado de Minas Gerais vem aumentando significativamente ao longo dos últimos anos. Entretanto, tal crescimento nas taxas de homicídios do estado mineiro não ocorre homogeneamente em seus municípios, apontando, então, uma reorganização espacial do fenômeno.

Apesar de se observar um crescimento positivo nas taxas de homicídios para todas as mesorregiões mineiras, o Vale do Mucuri, indubitavelmente, apresentou a mais vertiginosa ascensão em suas taxas. Desta maneira, o Vale do Mucuri, desde 2005, detém a maior taxa de homicídios dentre todas as mesorregiões

mineiras. Assim, se outrora as mesorregiões Metropolitana de Belo Horizonte, Vale do Rio Doce e Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba apresentavam as maiores taxas do estado, no ano de 2007 verifica-se que, além das duas primeiras, o Vale do Mucuri assume papel de destaque na incidência de óbitos por homicídios em Minas Gerais.

Por outro lado, tem-se nas mesorregiões Sul/Sudoeste de Minas, Campo das Vertentes e

Oeste de Minas, as menores taxas observadas em 2007, como nos mostra o Gráfico 1.

De forma geral, observa-se que, inicialmente, o fenômeno homicida acometia de forma mais contundente mesorregiões isoladas como a metropolitana de Belo Horizonte e o Triângulo Mineiro. Já em 2007, percebe-se que as porções norte e nordeste de Minas Gerais são extremamente assoladas pelo fenômeno homicida juntamente com a mesorregião Metropolitana de Belo Horizonte.

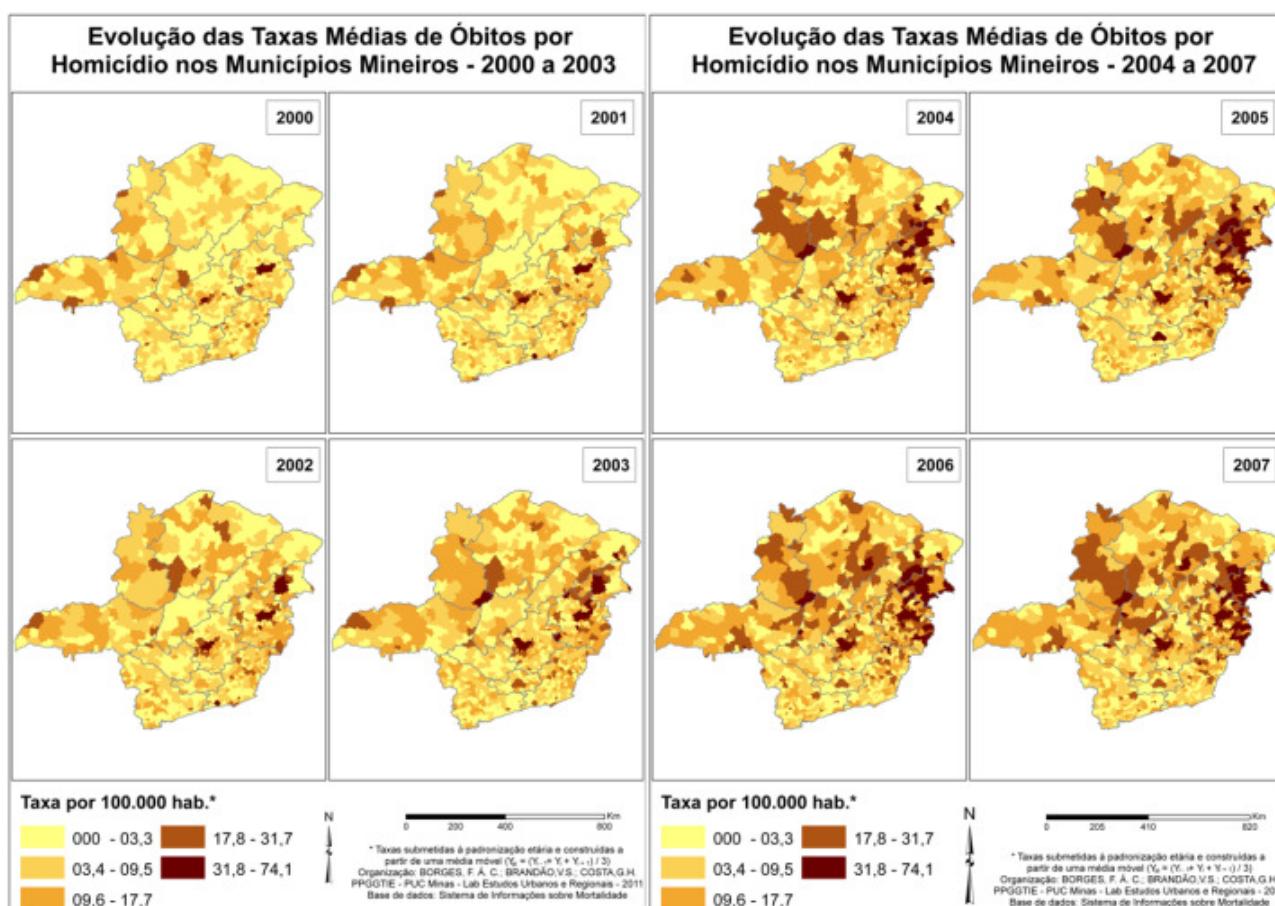


Figura 1 – Evolução dos Óbitos por Homicídios em Minas Gerais.

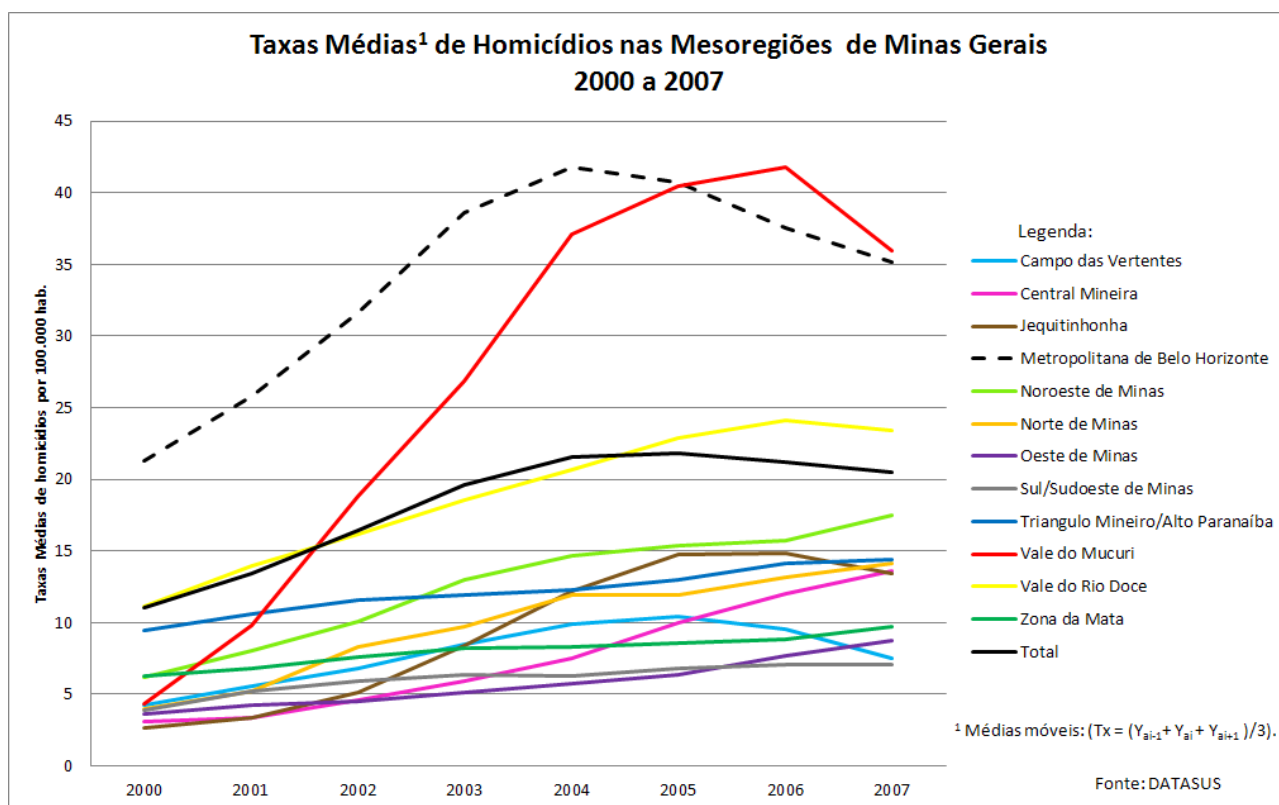


Gráfico 1 – Taxas médias de Homicídios nas Mesorregiões de Minas Gerais

No que diz respeito aos óbitos por homicídios em pessoas do sexo masculino, pode-se dizer que os padrões espaciais e evolutivos de sua incidência nos remete ao padrão encontrado para a população global. Assim, as taxas de homicídios em todas as mesorregiões do estado experimentaram um acréscimo e tem-se uma reorganização espacial das áreas mais atingidas por esse fenômeno, que passa a atuar de forma mais devastadora nas

mesorregiões do Vale do Mucuri, Metropolitana de Belo Horizonte e Vale do Rio Doce.

Todavia, essa subpopulação é atingida com diferente intensidade quando comparada à população global do estado. Assim, observa-se que as taxas médias de óbitos por homicídios entre homens são bem superiores às da população total do estado, demonstrando, assim, uma maior vulnerabilidade das pessoas de sexo masculino em relação ao fenômeno homicida.



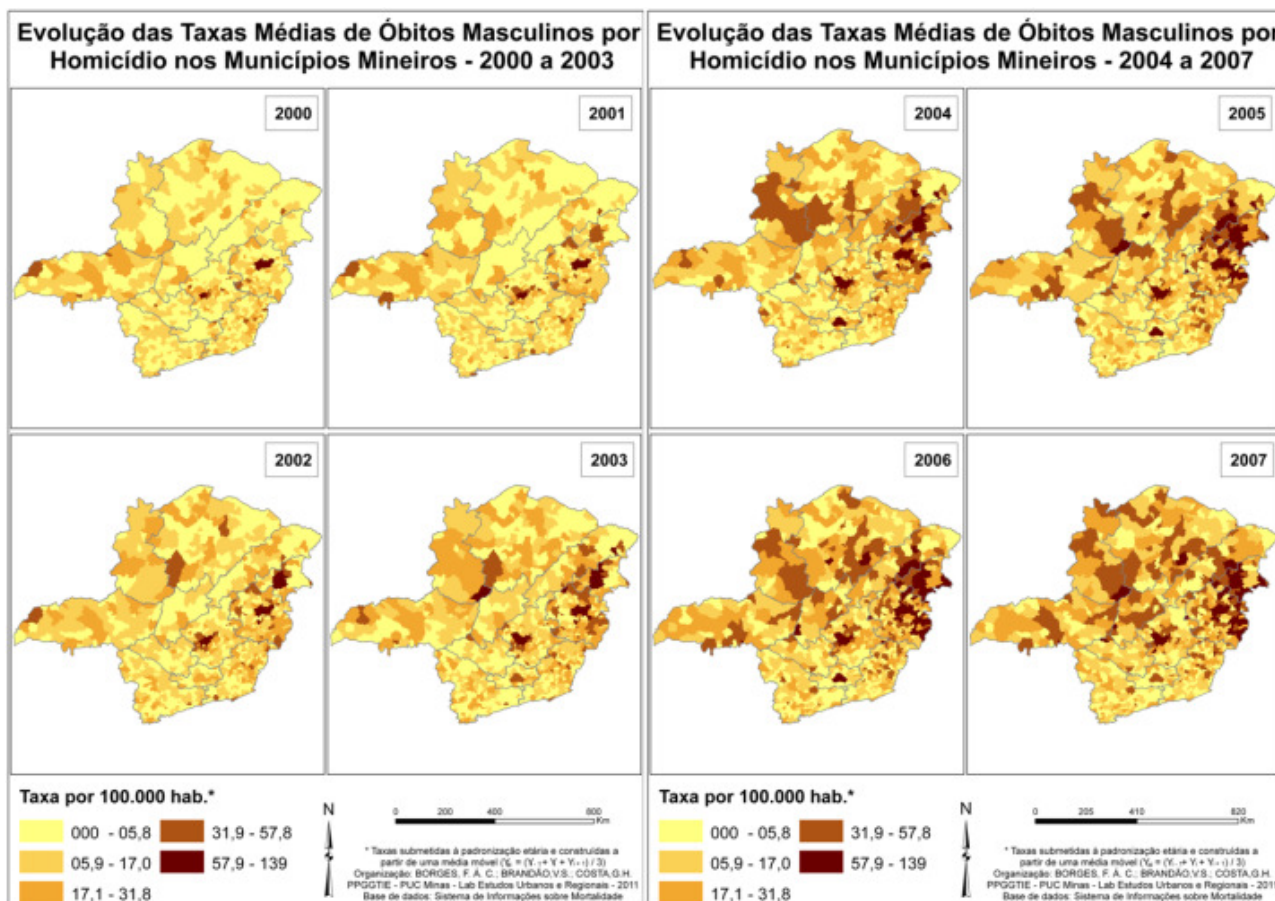


Figura 2 – Evolução dos Óbitos por Homicídios de Pessoas do Sexo Masculino em Minas Gerais.

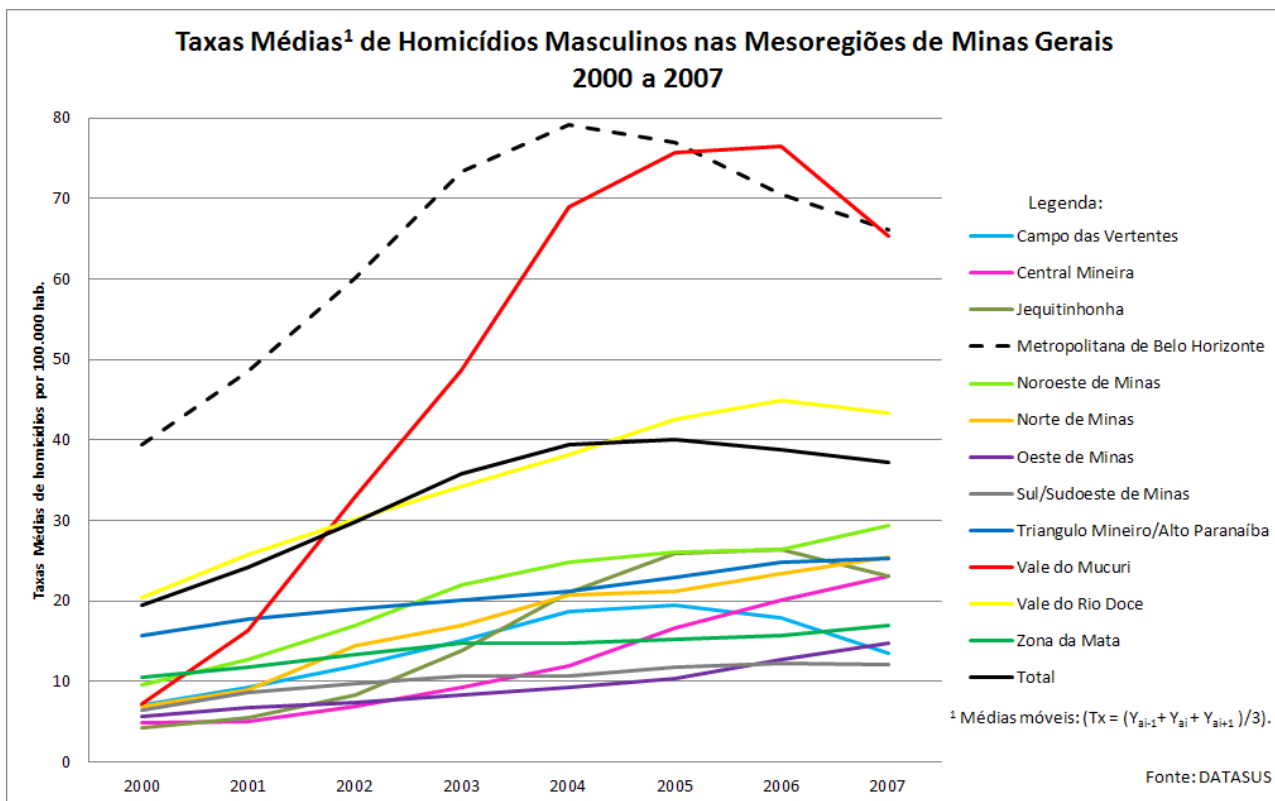


Gráfico 2 – Taxas médias de Homicídios entre Homens nas Mesoregiões de Minas Gerais

Acerca dos homicídios em pessoas do sexo feminino, percebe-se que sua organização espacial, evolução e a intensidade de manifestação do fenômeno, ocorrem de forma dissonante à observada na população global e masculina (figura 3). Destarte, as taxas médias de homicídio encontradas para a população feminina são extremamente menores que aquelas encontradas para a população total e ainda menor em relação às encontradas para a população masculina.

Embora as mesorregiões do Vale do Mucuri e Metropolitana de Belo Horizonte

tenham experimentado acréscimo em suas taxas de homicídios entre 2000 e 2006 e figurem como as mesorregiões mais assoladas pelo fenômeno homicida entre as mulheres, observa-se que outras mesorregiões também merecem destaque como Noroeste de Minas e Central Mineira, onde são encontradas trajetórias ascendentes nas taxas de homicídios entre pessoas do sexo feminino (gráfico 3).

As menores taxas são encontradas nas mesorregiões Sul/Sudoeste Mineira e Campo das Vertentes, onde menos de duas mulheres são assassinadas a cada grupo de cem mil.

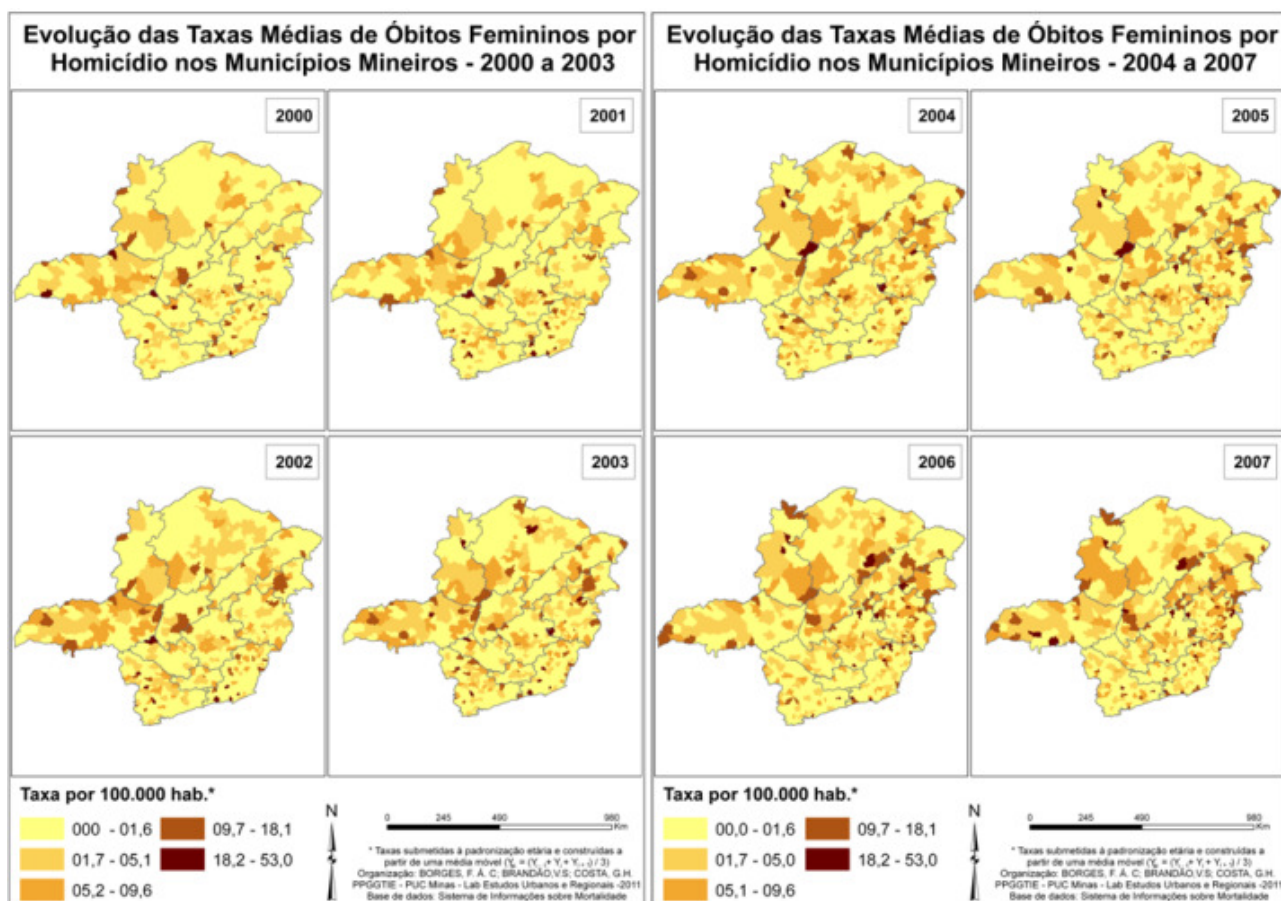


Figura 3 – Evolução dos Óbitos por Homicídios de Pessoas do Sexo Feminino em Minas Gerais.

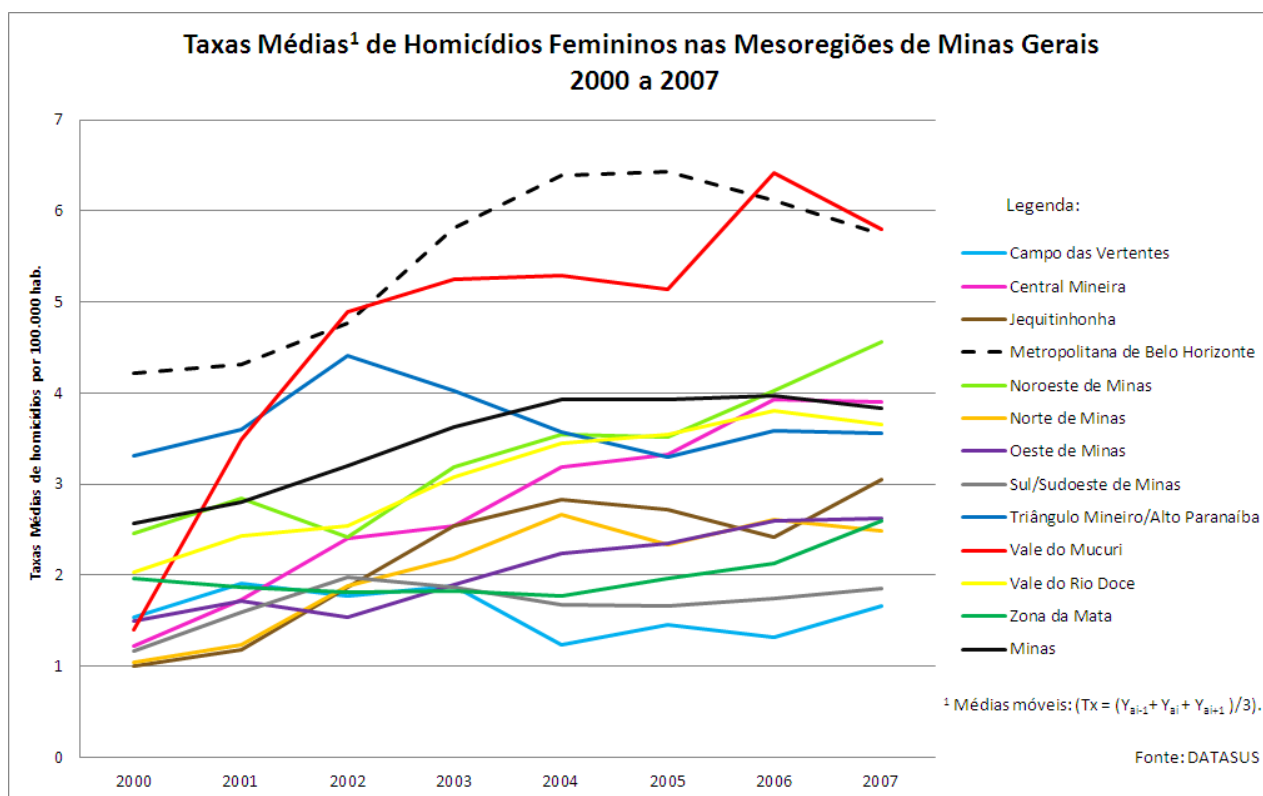


Gráfico 3 – Taxas médias de Homicídios entre Mulheres nas Mesorregiões de Minas Gerais

De forma geral, as taxas médias de homicídios encontradas para a subpopulação jovem, entre 15 a 24 anos, foram as maiores dentre todas as trabalhadas.

Mais uma vez, as mesorregiões Metropolitana de Belo Horizonte, Vale do Mucuri e Vale do Rio Doce obtiveram as maiores taxas do estado. Já as mesorregiões Sul/Sudoeste de Minas, Zona da Mata e Oeste de Minas, se destacaram por possuírem as menores taxas ao final do período analisado.

Outra importante constatação acerca da atuação do fenômeno homicida entre jovens diz respeito a sua evolução. Todas as mesorregiões de Minas Gerais sofreram acréscimo em suas taxas quando analisados os anos de 2000 e 2007, assim como o estado como um todo. Ainda assim, algumas dessas, a partir de 2005, passam a ter suas taxas decrescidas, apontando uma inflexão nas taxas de óbitos de homicídios entre jovens no estado de Minas Gerais.

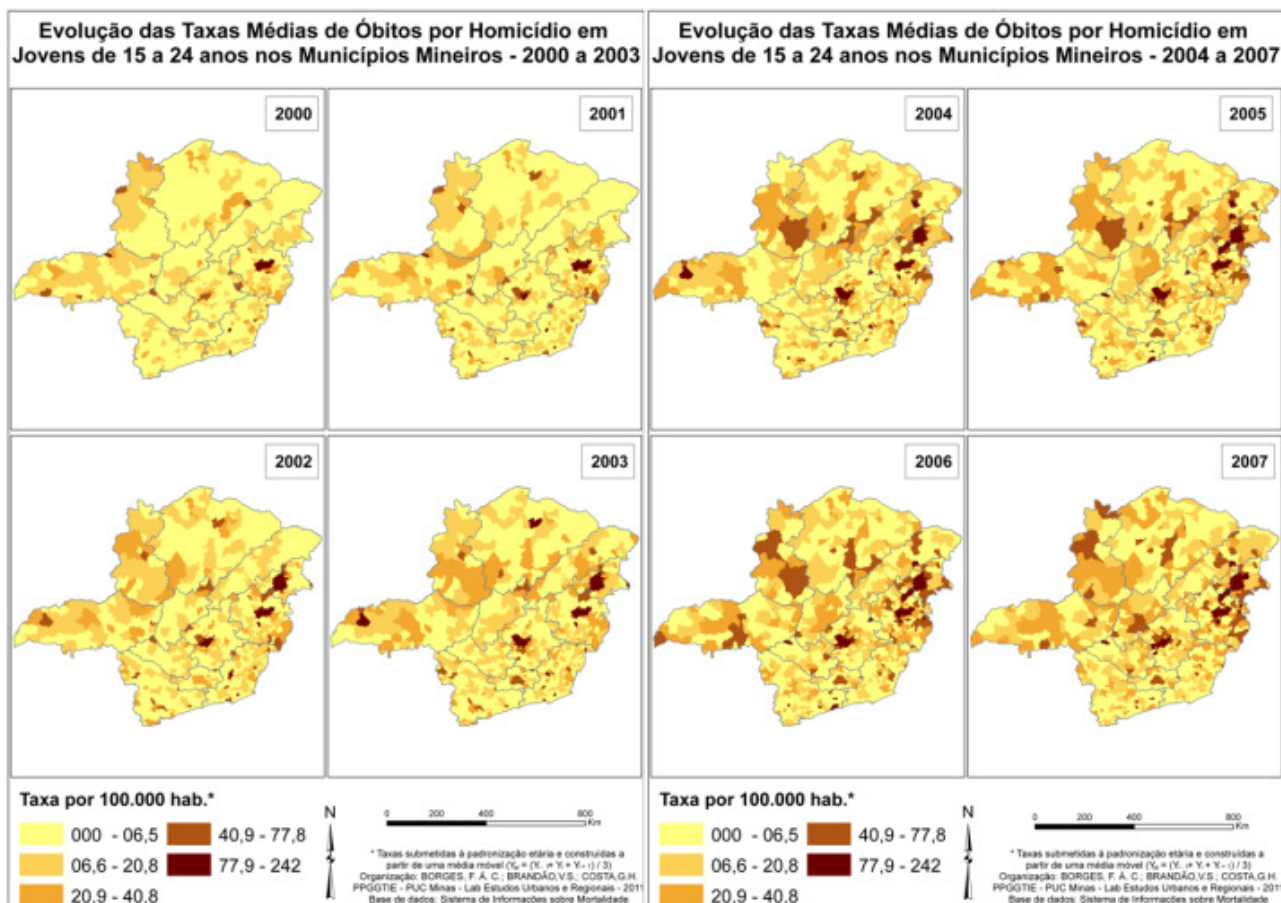


Figura 4 – Evolução dos Óbitos por Homicídios de Jovens de 15 a 24 anos em Minas Gerais.

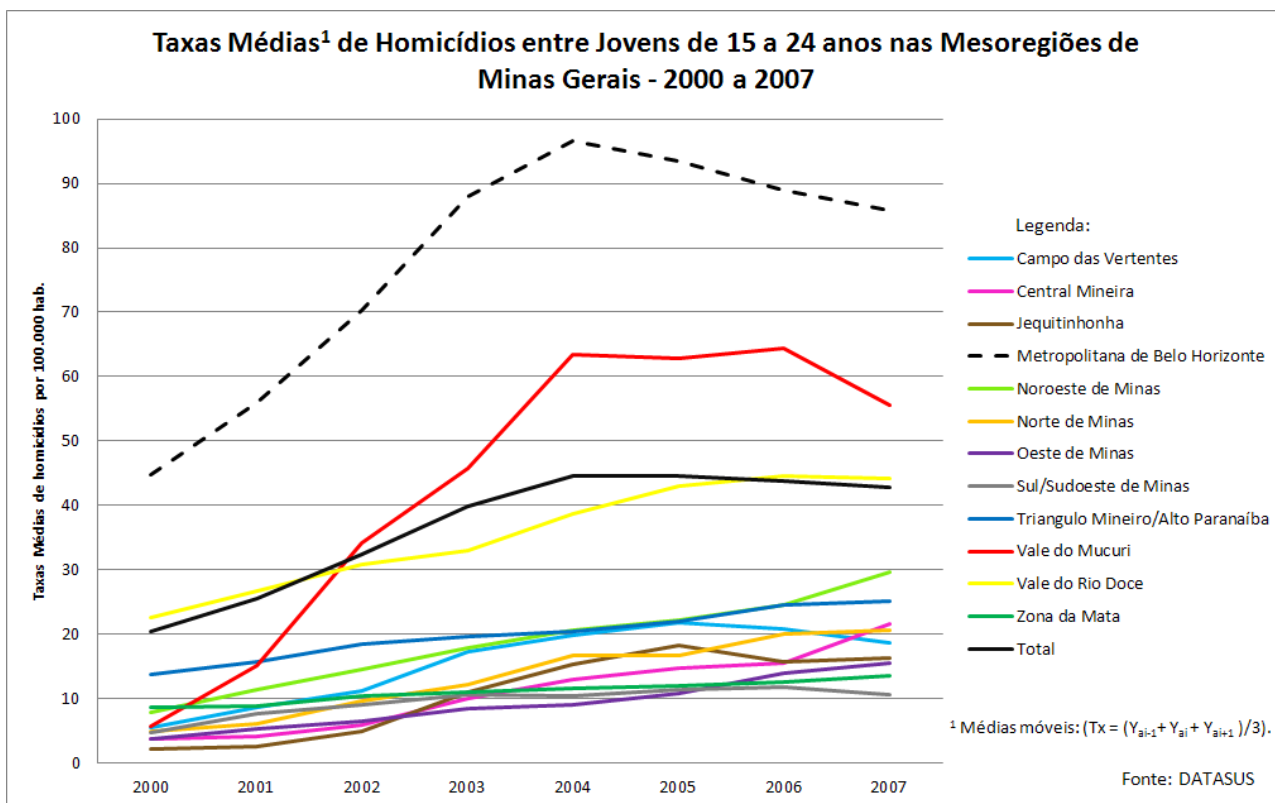


Gráfico 4 – Taxas médias de Homicídios entre Jovens nas Mesorregiões de Minas Gerais



## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dos anos analisados pode-se perceber um aumento generalizado dos homicídios em Minas Gerais. Todas as mesorregiões mineiras obtiveram acréscimo em suas taxas de homicídios quando comparados os anos de 2000 e 2007.

Todavia a partir de 2005 percebe-se uma inflexão nas taxas de homicídios de Minas Gerais, alavancada principalmente pelo declínio das taxas encontradas nas mesorregiões Metropolitana de Belo Horizonte, Vale do Mucuri e Vale do Rio Doce.

Não menos importante se dá o fato que esse padrão evolutivo do fenômeno homicida em Minas Gerais se reproduz para todas as subpopulações trabalhadas. Entretanto, a intensidade com a qual o fenômeno é manifestado nas diferentes subpopulações ocorre de forma desigual, assolando de forma mais contundente as populações jovem e masculina que a feminina.

Outro ponto relevante a respeito da manifestação homicida é o processo de reorganização espacial dos homicídios em Minas Gerais. Se outrora os homicídios eram relativamente mais difundidos em grande parte das mesorregiões, com alguns focos de maior incidência como a Região Metropolitana de Belo Horizonte, agora o fenômeno assola de maneira impiedosa, além da Região Metropolitana, toda a porção noroeste do estado.

O aumento da incidência de homicídios em Minas Gerais acaba por contribuir ainda mais com os problemas de saúde pública do estado, principalmente em ambientes urbanos, provocando também impactos de ordem econômica, social e demográfica.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, S. Cidadania e administração da justiça criminal. In: DINIZ, E.; LOPES, J.; PRANDI, R. (Org). **O Brasil no rastro da crise**. São Paulo: Hucitec, 1994. p. 304-327.

BEATO FILHO, C. C.; ASSUNÇÃO, R. M.; SILVA, B. F. A. da; MARINHO, F. C.; REIS, I. A. e ALMEIDA, M. C. de M. Conglomerados de homicídios e o tráfico de drogas em Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil, de 1995 a 1999. **Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro**, v. 17, n.º. 5, set-out. 2001, p. 1163-1171. Disponível em: <<http://www.scielo.org/pdf/csp/v17n5/6324.pdf>> Acesso em: 10 out. 2011

CARVALHO, J. A. M. de; SAWYER, D. O.; RODRIGUES, R. do N.; **Introdução a alguns conceitos básicos e medidas em demografia**. 2. Ed. Ver. São Paulo: ABEP, 1994 reimpr. 1998. Disponível em: <<http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/outras/pub/textosdidaticos/tdv01.pdf>> Acesso em: 13 out. 2011

DINIZ, A. M. A.; BORGES, F. A. C. **Concentração e desconcentração de Homicídios no Brasil 1999 a 2006**. In: Anales del XIII EGAL - Encuentro de Geógrafos de América Latina: Estableciendo puentes en la geografía de Latinoamérica. San José, v. único, 2011. p. 1-20.

DINIZ, A. M. A.; VERATTI, D.; LACERDA, E. G.; HORSTH, G. B.; BORGES, F. A. C. Homicídios na Região Metropolitana do Rio de Janeiro (2007): Uma Abordagem Geográfica.

In: Alcindo José de Sá. (Org.). **Dos Espaços do Medo a Psicoesfera da Civilidade: A premência de uma nova Economia Política Territorial**. 1 ed. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2010, v. 1, p. 339-358.

GARTNER, R. The victims of homicide: a temporal and cross national comparison, **American Sociology Review**, v. 55, n. 1, 1990. p. 92-106. Disponível em: <<http://www.jstor.org/pss/2095705>> Acesso em: 9 out. 2011

GRAIF, C.; SAMPSON, R. J. Spatial Heterogeneity in the Effects of Immigration and Diversity on Neighborhood Homicide Rates. **Homicide Studies**, v. 13, n.3, 2009. p. 242-260. Disponível em: <<http://hsx.sagepub.com/content/13/3/242.short>> Acesso em: 9 out. 2011

HIRSCHI, T. **Causes of Delinquency**. Berkeley: University of California Press, 1969. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=i13b00vhluoC&oi=fnd&pg=PR8&dq=Causes+of+Delinquency.+autor:Hirschi&ots=asXQABM5Rd&sig=opLCKEuqXIELSVBvq4aS1YVhLKY#v=onepage&q&f=false>> Acesso em: 23 de Agosto de 2011.

KLEINSCHMITT, S. C., WADI, Y. M., STADUTO, J. A. Evolução Espaço-Temporal dos Homicídios no Estado do Paraná. **REBESP**, Goiânia, n. 3, v. 4, p. 16 - 27, jan/jul. 2010. Disponível em: <<http://revista.ssp.go.gov.br/index.php/rebsp/article/view/103>> Acesso em: 11 out. 2011

LIMA, M. L. C. SOUZA, E. R.; XIMENES, R.; ALBUQUERQUE M. F. P. M.; BITOUN, J.; BARROS, M. D. A. Evolução de homicídios por área geográfica em Pernambuco entre 1980 e 1998. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 36, n.4, p. 462-469, ago. 2002. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-89102002000400012&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-89102002000400012&script=sci_arttext)> Acesso em: 10 out. 2011

MACEDO, A. C.; PAIM, J. S.; SILVA, L. M. V. da e COSTA, M. da C. N. Violência e desigualdade social: mortalidade por homicídios e condições de vida em Salvador, Brasil. **Rev. Saúde Pública**, v. 35, n°6, 2001, p. 15-22. Disponível em: <<http://www.scielo.org/pdf/rsp/v35n6/7063.pdf>> Acesso em: 10 out. 2011

MERTON, R. Social Structure and Anomie. **American Sociological Review** v. 3, n. 5, 1938. p. 672-82. Disponível em: <<http://www.jstor.org/pss/2084686>> Acesso em: 9 out. 2011

NÓBREGA, J. M. **Os Homicídios no Brasil, no Nordeste e em Pernambuco: dinâmica, relações de causalidade e políticas públicas**. Tese (Doutorado em Ciência Política), UFPE, Recife, 2010. Disponível em: <<http://www.opiniaopublica.ufmg.br/biblioteca/tese%20jose%20maria%20%28publicar%20biblioteca%29.pdf>> Acesso em: 12 out. 2011

PERES, M. F. T., CARDIA, N., NETO, P. M., SANTOS, P. C., ADORNO, S. Homicídios, desenvolvimento socioeconômico e violência policial no Município de São Paulo, *Brasil*. **Rev. Panam Salud Publica/Pan Am J Public Health** v. 23(4), 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.org/pdf/rpsp/v23n4/v23n4a07.pdf>> Acesso em: 10 out. 2011

SAMPSON, R. J. Neighborhood Family Structure and the Risk of Personal Victimization. In BYRNE J. M.; SAMPSON, R. J.: **The Social Ecology of Crime**. New York: Springer-Verlag, 1986. p. 25-46.

SAMPSON, R. J.; GROVES, W. B.. Community Structure and Crime: Testing Social Disorganization Theory. **American Journal of Sociology**, v. 94, n. 4, 1989. p.774-802. Disponível em: <<http://www.jstor.org/pss/2780858>> Acesso em 10 out. 2011

SANTOS, J. E. F. Homicídio entre Jovens de uma Periferia de Salvador, Bahia: um relato de experiência sobre a violência e o

desenvolvimento humano. **Rev. Brasileira Crescimento Desenvolvimento Humano**, v. 17, n. 3, 2007, p. 72-83. Disponível em: <[http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?pid=S0104-12822007000300008&script=sci\\_arttext&tlng=pt](http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?pid=S0104-12822007000300008&script=sci_arttext&tlng=pt)> Acesso em: 11 out. 2011

SHAW, C.; McKAY, H. **Juvenile Delinquency and Urban Areas**. University of Chicago Press, Chicago, 1942.

SOARES, G. A. D. **Homicídios no Brasil: Vários Factóides em Busca de uma Teoria**. Relatório Parcial do Projeto Covariatas Macroestruturais do Homicídio no Brasil, Miami, 2000. Disponível em: <<http://lasa.international.pitt.edu/members/congress-papers/lasa2000/files/Soares.PDF>> Acesso em: 11 out. 2011

SOUZA, E. R.; ASSIS, S. G.; SILVA, C. M. F. P.; Violência no Município do Rio de Janeiro: áreas de risco e tendências da mortalidade entre adolescentes de 10 a 19 anos. **Rev. Panam Salud Publica**, v. 1, n. 5, 1997. p. 389-98. Disponível em: <<http://www.scielosp.org/pdf/rpsp/v1n5/0413.pdf>> Acesso em: 11 out. 2011

SZWARCWALD, C. L., BASTOS F. I., VIACAVAL F., ANDRADE C. L. T. Income inequality and homicide rates in Rio de Janeiro, Brazil. **Am J Public Health**,; v.89, n. 6, 1999. p. 845-850. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1508636/>> Acesso em: 11 out. 2011

WASELFISZ, J. J. **Mapa da Violência 2010: anatomia dos homicídios no Brasil**. São Paulo: Instituto Sangari. 151 p. 2010. Disponível em: <<http://www.sangari.com/midias/pdfs/MapaViolencia2010.pdf>> Acesso em: 10 out. 2011

WILLIAMS, K. R.; FLEWELLING, R. L. The Social Production of Criminal Homicide: A Comparative Study of Disaggregated Rates in American Cities. **American Sociological Review**, v. 53, n. 3, 1988. p. 421- 431. Disponível em:

<<http://www.jstor.org/pss/2095649>> Acesso em: 10 out. 2011

WOLFGANG, M.; FERRACUTI, F. **The Subculture of Violence**. London: Tavistock, 1967.

- 1- Graduando em Geografia – PUC Minas. Bolsista FAPEMIG
- 2- Mestre em Geografia pela Kansas State University e Doutor em Geografia pela Arizona State University. Professor Adjunto do Programa de Pós-Graduação em Geografia – PUC Minas